



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



Vol. 9 – Nº 20 - Julho - Dezembro 2014

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA: um olhar
psicopedagógico**

Autora:

ALGERI, Marinês Serro¹

¹ Pedagoga, Especialista em Supervisão Escolar. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Antônio De Col e na Escola Estadual de Ensino Fundamental Bandeirantes de Sertão. Endereço: Rua Reinaldo Sbardeloto, 470, apto 01. Bairro Centro, Sertão-RS. CEP: 99170-000. mari.algeri@yahoo.com.br

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA: um olhar psicopedagógico

“Nada posso lhe dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.” (HERMANN HESSE)

RESUMO: Toda criança tem direito à educação numa instituição escolar e nela permanecer até concluir a etapa disponibilizada pela mesma. A escola, hoje garantida para todos, nem sempre consegue atingir o objetivo proposto: uma educação de qualidade onde todos possam crescer e agregar novos conhecimentos, pois há alunos com habilidades diferentes. Cada aluno é único, portanto, há vários níveis de aprendizagem numa mesma turma.. Saber das dificuldades é fácil, o desafio do psicopedagogo este em encontrar as possibilidades de cada um e incentivá-los a evoluir na construção do conhecimento. Trabalhar com crianças com dificuldades na escrita tem instigado a busca por respostas, a compreender o que pode estar acontecendo com as mesmas e encontrar possíveis meios de melhorar a escrita permitindo que cada indivíduo seja integrado na sociedade. Encontrar saídas para problemas como as dificuldades na escrita faz parte do dia a dia das escolas, angustiando professores, direção, alunos e pais. Essa busca precisa deixar de ser uma sonho para ir se tornando realidade e termos cidadãos alfabetizados, letrados e aptos para interagir na sociedade.

Palavras-chave: Dificuldades na escrita, olhar psicopedagógico, intervenção, aprendizado.

ABSTRACT: Every child has right to education in a school institution and remain there until they finish stage provided by the same. The school, now guaranteed for all, can not always achieve the proposed goal: quality education where all can grow and add new knowledge because there are students with different abilities. Each student is unique, so there are various levels of learning in the same class. Knowing the difficulties is easy, the challenge of psychopedagogists is finding the possibilities of each and encourage them to progress in the construction of knowledge. Working with children with difficulties in writing has motivated the search for answers, to understand what might be happening with them and find possible ways to improve the writing allowing each individual to be integrated into society. Finding solutions to problems such as difficulties in writing are part of daily life of schools, anguishing teachers, head teacher, students and parents. This search needs to stop being a dream to become reality and we have literate citizens, cultured and able to interact in society.

Key words: Difficulties in writing, look psychopedagogic, intervention, learning.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O acesso à educação de qualidade e permanência na escola é direito garantido a todos os brasileiros, pela Constituição Federal no Artigo 206. Este enfatiza também a liberdade de aprender, a liberdade de pensamento, a arte e o saber. Esta escola precisa proporcionar ao aluno condições de progredir na aprendizagem e interferir, quando for necessário, no processo educativo.

Cada aluno é um ser único dotado de capacidades, habilidades e singularidades que precisam ser observados e considerados. O aprendizado acontece para cada criança de uma maneira única, de acordo com seus conhecimentos prévios, seu interesse e motivação. A aprendizagem não ocorre de forma isolada. Ela envolve a família, a escola e a sociedade e ocorre em todos os espaços, não exclusivamente na sala de aula, é um processo dinâmico onde acontecem as trocas de conhecimentos.

Considerando que nem todos os alunos assimilam o conteúdo da mesma forma e, que, alguns alunos necessitam de atendimento individualizado, metodologias variadas e tempo diferenciado é que optou-se por investigar e buscar intervenção psicopedagógica para acolher esse aluno e auxiliá-lo na construção de seu conhecimento.

Busca-se, também, incentivar a participação e a compreensão da família neste processo importante da vida da criança.

Assim sendo, objetivando o sucesso escolar de todos os alunos, principalmente de quem apresenta particularidades na aprendizagem é que justifica-se a relevância deste estudo.

2 CONTEXTUALIZANDO “APRENDIZAGEM” E DIFICULDADES QUE PODEM OCORRER DURANTE ESSE PROCESSO

O significado do termo aprendizagem varia conforme o autor que a define e a linha de estudo seguida por este. De modo geral, a aprendizagem pode ser entendida como um processo onde as competências, habilidades conhecimentos ou valores são adquiridos ou modificados a partir de estudos, experiências, formação, raciocínio e observação.

A aprendizagem utiliza os conhecimentos e teorias da neuropsicologia, psicologia, educação e pedagogia. Como sendo um processo integrado provoca uma transformação qualitativa na estrutura mental daquele que aprende alterando sua conduta.

Paín define a aprendizagem da seguinte forma:

(...) a aprendizagem é um processo dinâmico que determina uma mudança, com a particularidade de que o processo supõe um processamento da realidade e de que a mudança no sujeito é um aumento qualitativo em sua possibilidade de atuar sobre ela. Sob o ponto de vista dinâmico a aprendizagem é o efeito do comportamento, o que se conserva como disposição mais econômica e equilibrada para responder a uma situação definida.

De acordo com isto, a aprendizagem será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito, pois a urgência da compensação dará mais relevância ao recurso encontrado para superá-la (1985, p.23).

A partir desta citação e dos estudos de Sara Paín percebe-se que tanto fatores internos como externos interferem no processo de aprendizagem. Os fatores externos, normalmente, não são levados em conta. Observa-se mais os fatores internos e sua repercussão na aprendizagem. Leva-se em conta que a criança aprende com o corpo, e, nisso é preciso observar sua auto imagem e auto estima. Outro aspecto interno a ser investigado é a condição cognitiva da aprendizagem, a equilíbrio entre as fases do desenvolvimento e a compreensão do que está sendo estudado. Cada indivíduo também apresenta uma aptidão para determinada área específica do conhecimento ou da arte. O ato de aprender pode apresentar motivações, que podem ser primárias – quando vem da satisfação em aprender – ou secundárias – quando há uma gratificação por parte de alguém, que pode ser a família ou como evitação de um castigo. A criança tem ou precisa ou precisa ter um objetivo ao querer aprender a ler e escrever. A Escola, por sua vez, transmite a cultura do povo onde ela está inserida. Paín (1985, p.12) explica que “a aprendizagem se dá simultaneamente como instância alienante e como possibilidade libertadora”. Dentro de uma cultura onde a educação pode ser alienante, repressora ou libertadora estão nossos alunos. E, neste todo, estão inseridas as crianças com dificuldades na aprendizagem desencadeando problemas que interferem na vida do sujeito não permitindo que o mesmo desenvolva suas possibilidades. A autora descreve como sendo “perturbações na aprendizagem aquelas que atentam contra a normalidade deste processo, qualquer que seja o nível cognitivo do sujeito”. E ao professor cabe o olhar atento, diferenciado para cada criança, identificando os fatores que estão interferindo na aquisição do conhecimento, a necessidade de cada um e as possibilidades que podem ser desenvolvidas.

O problema na aprendizagem pode ser enquadrado como um sintoma e não como um quadro permanente. Há várias hipóteses para justificar o não-aprender, dependendo do significado que tem para cada um. Para uns, a aprendizagem é gratificada com o carinho dos pais, para outros, este mesmo carinho só vem se a criança não aprende.

As dificuldades de aprendizagem podem ocorrer em determinadas áreas do conhecimento. Há alunos com verdadeiro talento na arte, na dança, na música, no esporte ou em outra habilidade e apresentam dificuldades na leitura, escrita ou nos cálculos. Cada ser humano é singular e apresenta características diferenciadas.

Garcia (1998), diz que ao se diagnosticar as dificuldades de aprendizagem deve-se dar especial atenção às suas relações com outros transtornos, pois, normalmente, eles estão superpostos. Como por exemplo, o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, os transtornos de fala como a gagueira e a linguagem confusa.

Os termos usados para denominar as dificuldades na aprendizagem baseiam-se no uso correto dos prefixos **dis** ou **a**. Garcia (1998, p.59) diz que “quando se trata de um problema de desenvolvimento ou deficiência do mesmo, ou de não aprendizagem de uma habilidade ou área de habilidades, utiliza-se o prefixo – **dis**. (...) Ao contrário, o prefixo – **a** usa-se a quando se perde a função uma vez adquirida ou em processo de aquisição.” Explicando desta forma, o uso do termo disfasia ocorre quando a criança não desenvolve a linguagem conforme o esperado para a idade. E afasia quando a linguagem não é desenvolvida em consequência de uma lesão cerebral.

García Sánchez define a expressão “dificuldades de aprendizagem” a partir de um conceito internacional como sendo:

(...), as dificuldades de aprendizagem se caracterizam por um funcionamento substancialmente abaixo do esperado, considerando a idade cronológica do sujeito e seu quociente intelectual, além de interferirem significativamente no rendimento acadêmico ou na vida cotidiana, exigindo um diagnóstico alternativo nos casos de déficits sensoriais. Assumem-se, portanto, um critério de discrepância entre aptidão e o rendimento e um critério de exclusão, além do baixo rendimento e da interferência na vida cotidiana.

A conceitualização do Comitê Conjunto sobre Dificuldades de aprendizagem está na mesma linha, ao sugerir que as dificuldades de aprendizagem são algo heterogêneo, supõe problemas significativos na conquista das habilidades da leitura, de escrita e/ou matemática, que se acredita ser intrínsecas ao indivíduo, é possível encontrar superposição com outros problemas que não se devem a influências extrínsecas. (2004, p15-16).

Na escola e na sociedade encontramos várias crianças com dificuldades de aprendizagem como a dislexia, discalculia e disortografia. Estas dificuldades são encaradas como problemas por muitos professores por não conseguirem saná-las sozinhos, ou outras vezes, não sabem a quem recorrer.

As dificuldades começam a surgir nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e, se não forem detectadas, podem estender-se por muitos anos ou pela vida toda.

O Ensino Fundamental inicia legalmente o processo de aquisição da alfabetização e do letramento. A alfabetização é uma tarefa complexa onde alunos e professores são sujeitos

ativos com significativa participação no aprendizado. O sucesso neste processo não se baseia em determinado método de alfabetização e sim na competência técnico-lingüística do professor e nas condições materiais do seu trabalho.

Através da aquisição da linguagem, o homem pode expressar seu pensamento, se comunicar e interagir com outros indivíduos. Há várias teorias que buscam explicar como ocorre a aprendizagem na criança, porém, é importante ressaltar que o professor comprometido com sua atividade pedagógica precisa saber o que cada teoria explica, sem se prender a uma única delas. É indispensável que o alfabetizador analise o que cada uma tem de melhor e organize o seu trabalho, considerando também, as características individuais e sociais de cada educando.

Tendo por base que cada indivíduo é único, podemos encontrar, durante o processo de alfabetização e nos anos seguintes, alunos que não atingem os resultados esperados pelo educador. O aluno pode apresentar dificuldades na leitura, escrita e na matemática. Algumas dificuldades podem ser específicas da leitura e não apresentar problemas na compreensão oral. Outras crianças leem, mas não compreendem a mensagem textual. Há ainda crianças que não decodificam e não conseguem fazer a compreensão oral e escrita.

3 OS FATORES QUE DETERMINAM AS DIFICULDADES NA ESCRITA

Buscando orientações teóricas para a compreensão destas dificuldades, mais especificamente na escrita, encontramos na fala de Gregg, na obra de García a seguinte explicação:

Trata de uma dificuldade significativa no desenvolvimento das habilidades relacionadas com a escrita. Esse transtorno não se explica nem pela presença de uma deficiência mental, nem por escolarização insuficiente, nem por um déficit visual ou auditivo, nem por alteração neurológica. Classifica-se como tal apenas se produzem alterações relevantes no rendimento acadêmico ou nas atividades da vida cotidiana. A gravidade do problema pode ir desde erros na sintaxe, estruturação ou pontuação das frases, ou na organização de parágrafos (1998, p.191).

Os transtornos gramaticais descritos por Gregg caracterizam-se como sendo substituições, omissões ou adições simples de nomes, verbos, adjetivos ou advérbios, preposições, pronomes ou afixo indefinido, além da ordem de palavras alteradas. García,

também diz que o início da dificuldade depende da gravidade, vindo desde os 7 anos, nos casos mais graves e aos 10 anos ou mais tarde nos casos mais leves. Os transtornos podem ser classificados em gramaticais, fonológicos ou visoespaciais.

Os transtornos fonológicos ocorrem quando há substituição ou omissão de morfemas (estrutura da palavra), substituição de fonemas ou sílabas, transposição de morfemas, fonemas e sílabas, além da conversão símbolo-som.

Os transtornos visoespaciais ocorrem quando há confusão de letras, lentidão da percepção visual, inversão de letras, erros internos de detalhe, transposição ou substituição de letras. Esses transtornos estão bem presentes, principalmente, quando a criança escreve de forma espontânea.

A escrita supõe uma organização, um planejamento da mensagem que se quer emitir. Ela é organizada no cérebro de forma automatizada. E quanto mais automatizada for, menos gasto de memória e atenção a criança terá.

Dentro de um módulo sintático, a escrita de um texto deve estar encaixada numa estrutura gramatical que lhe dará forma, através do agrupamento das palavras em frases, parágrafos, da concordância, da pontuação estabelecendo a conexão com o processo semântico, permitindo a compreensão das ideias apresentadas.

No módulo léxico há duas rotas de acesso à palavra:

- a) A rota visual ortográfica que permite a extração da palavra a partir do depósito grafêmico na memória operativa interpretando palavras familiares e conhecidas; supõe a presença prévia destas palavras na memória;
- b) A rota fonológica permite a interpretação das palavras, inclusive as nunca vistas e as pseudopalavras.

No módulo motor ocorre a tradução do grafema em movimento, a representação gráfica, a qual se aloja na memória a longo prazo, que deverá ser passada para a memória a curto prazo ou operativa para que na hora do uso o traçado da letra ocorra de forma automática e correta.

A investigação da causa precisa considerar os vários fatores que podem interferir na aprendizagem. Estes podem ser de ordem orgânica como: visão, audição, questões neurológicas, funcionamento glandular, alimentação e sono.

Os fatores ambientais também interferem na aprendizagem. O ambiente onde o aluno está inserido e sua cultura nos permitem fazer a compreensão ideológica e os valores vivenciados pelo grupo onde o mesmo vive e sua relação com a educação.

O desenvolvimento da estrutura espacial é importante na vida diária das pessoas e na sua relação com as coisas e os objetos que as envolvem.

Dentro da ótica da psicomotricidade Lapierre (1986, p.52) in: Furtado,(2012, p.25) afirma que “a estruturação espacial não se ensina, nem se aprende, descobre-se.” E sem essa estrutura espacial bem organizada a criança terá dificuldades na escrita. A partir do conhecimento da sua imagem corporal a criança explora o espaço onde vive tendo por referência o seu corpo.

Nos primeiros anos de vida a criança descobre que é capaz de comandar seu corpo. Ao entrar em contato com o espelho deixa de se perceber de forma fragmentada e começa a se ver em sua totalidade, de maneira integrada.

De acordo com Furtado (2012), entre os 3 e os 7 anos a criança apresenta movimentos cada vez mais coordenados e harmoniosos, pois já percebe a posição que seu corpo utiliza em relação ao espaço, às pessoas e aos objetos.

Dos 7 aos 12 anos a criança é capaz de ver sua totalidade, de comunicar-se com o mundo exterior. Se a mesma não conseguir desenvolver uma boa imagem corporal poderá apresentar sérios problemas de localização espacial, temporal e lateralidade. A escrita, por sua vez, precisa que a estruturação espacial esteja bem desenvolvida, pois exige o respeito a regras e leis de sucessão que fazem parte da construção de palavras e frases. Caso contrário poderá ocorrer confusão de letras conforme o traçado da mesma e trocas de letras em relação a sua posição na palavra. Se modifica a escrita, conseqüentemente modifica o significado da palavra.

A partir do final do 3º Ano, os erros de grafia começam a preocupar com mais intensidade os professores. Nesta fase considera-se que os alunos, após 3 anos de alfabetização tenham assimilado o processo de aquisição da leitura e da escrita e que o façam com espontaneidade. Para acompanhar esta evolução da escrita realizou-se uma pesquisa em duas escolas, com alunos do 3º, 4º e 5º anos onde observou-se a grafia das palavras e se o texto apresentava coerência de ideias.

No 3º Ano foram observadas 59 produções textuais, no 4º Ano, 29 textos e no 5º Ano, 54 produções de textos, totalizando 142 crianças.

Os dados coletados estão dispostos na tabela a seguir:

	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Troca de letras	43	24	42
Junção de palavras	13	02	08
Separação de palavras	09	02	08
Omissão de letras	15	07	11
Acréscimo de letras	06	02	04
Uso incorreto de letra maiúscula e minúscula	06	05	09
Intercâmbio de letras	02	-	01
Texto sem nenhuma compreensão	07	-	-
Texto sem clareza de ideias	03	02	02
Textos sem erros de escrita	01	04	07

Analisando a tabela acima percebe-se que a maior incidência de erros na escrita está na troca de letras, como: m/n, t/d, v/f, c/g, p/b, ch/j, am/ão, u/l . A omissão de letras também chamou a atenção pela quantidade de palavras com falta de grafemas. A grafia das palavras precisa ser melhorada, juntamente com o uso da letra maiúscula e minúscula. As frases precisam apresentar mais organização e coerência nas ideias apresentadas.

Garcia Sanchez (2004) descreve que os alunos com dificuldades de aprendizagem apresentam em torno de cinco problemas básicos.

O primeiro problema é o escasso uso dos processos de auto-regulação que fazem, o que incide em um escasso planejamento, monitoração, avaliação e revisão e na pouca atenção que prestam aos objetivos retóricos, às necessidades da audiência, às limitações que impõe o tema e à organização do texto. O segundo problema é o excesso de erros mecânicos de soletramento, de troca de maiúsculas e minúsculas, de pontuação, de grafismo, o que dificulta a qualidade e a fluência da escrita. O terceiro problema é a evidência de escassa produtividade originada, possivelmente, no fato de que: 1) terminarem o processo de composição demasiado rápido; 2) por ocorrer interferência do baixo desenvolvimento das habilidades de produção do texto (por exemplo, ao buscar o soletramento se esquecem da ideia ou do plano); e 3) porque o reconhecimento dos temas é incompleto e fragmentado. O quarto problema básico é a revisão ineficaz, focalizando-se exclusivamente na substituição de palavras, na correção de erros mecânicos, ou em tornar os escritos mais limpos, o que produz pouco impacto na melhora da qualidade do escrito. Isso se origina, provavelmente, na dificuldade para ativar e coordenar as habilidades separadas da revisão (que melhora após a aprendizagem de rotinas) e/ou nas dificuldades de controle executivo (como consideração da audiência ou a execução das trocas). E por último, a superestimação da importância das habilidades de produção do texto, refletida na ênfase na forma ao definir o que sejam 'bons textos' e nos processos da escrita, no pouco conhecimento da escrita e de seus processos; no ser pouco positivos acerca da escrita (atitudes negativas), e no pouco positivos que são acerca de suas possibilidades em escrita (auto-eficácia negativa) (2004, p.136).

Alunos com dificuldades na aprendizagem na escrita, quando estão diante daqueles que não apresentam dificuldades, preferem não escrever para não se expor necessitando de mais apoio por parte dos pais e dos professores para se sentirem encorajados a construir textos, que podem ser apresentados, inicialmente, aos familiares e amigos.

A criança com dificuldades na leitura e na escrita precisa de uma rotina. Almeida (2011, p.17) afirma que “estas crianças precisam de rotina, elas necessitam dos mesmos sinalizadores, do mesmo tom de voz, da mesma elaboração, da mesma abordagem, da mesma maneira de começar, desenvolver e finalizar uma atividade.” Essa postura do professor permite que o aluno mantenha a concentração e evite gastos de energia intelectual. Os recursos, de acordo com Almeida (2011) também devem ser simples e objetivos acompanhados de uma boa condução das atividades. Salienta que é um trabalho que exige muita paciência e espera, pois dependendo do grau de dificuldade apresentado, e que, o tempo necessário para que ocorram os resultados pode variar muito.

4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA, FATORES QUE INTERFEREM E POSSIBILIDADES DE AVANÇO A PARTIR DE UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO

A escrita é algo a mais que a leitura, necessitando de habilidades específicas, a qual precisa ser treinada e ensinada. García descreve da seguinte forma os problemas encontrados na escrita:

As dificuldades de aprendizagem da escrita ou disgrafias poderiam ser conceitualizadas nos seguintes termos: trata-se de casos que, sem nenhuma razão aparente, manifestam-se dificuldades na aprendizagem da escrita no contexto de uma inteligência normal, bom ambiente familiar e sócio-econômico, escolarização correta, normalidade na percepção e na motricidade, e suspeita-se que o déficit esteja em alguma disfunção na área da linguagem. Além disso, as áreas não linguísticas funcionam adequadamente, como, por exemplo, em raciocínio e cálculo numérico. Igualmente é comum observar as dificuldades de aprendizagem da escrita associadas às da leitura, daí que, às vezes, se fala de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita ou de dislexias-disgrafias, ainda que, de alguma forma, se dê dissociação (1998, p.198).

Há também crianças com escrita espelhada, intercâmbio de letras e atrasos na escrita. Para detectar o nível e o perfil de cada dificuldade far-se-á necessário a análise dos erros cometidos pela criança e, a partir daí, intervir buscando a superação da dificuldade.

A escrita em forma de espelho é traçada pela criança que não possui uma representação estável dos grafemas, possuindo apenas, uma parte da informação sobre o traçado correto. Falta-lhe apenas a fixação motora do grafema.

O intercâmbio de letras ocorre quando a criança sabe quais são as letras que formam a palavra, mas não as coloca de forma correta na escrita. Assemelha-se, de certa forma com a escrita espelhada. Porém, nem sempre usa de forma espelhada. As letras estão selecionadas corretamente, o que não está correta é a ordem de colocação adequada na palavra. A dificuldade, neste caso, está na construção da palavra, na aprendizagem das regras fonema/grafema e grafema/fonema. Apresentam-se mais comumente nas letras semelhantes. É necessário estratégias adequadas de memorização.

O atraso na escrita pode ocorrer por escolarização inadequada, pouca motivação ou baixa inteligência no ambiente familiar. Se a criança está inserida num contexto social de pouca cultura e criatividade isso pode se refletir na sua produção escrita. A escrita, para esta criança, pode não ter a mesma importância do que para uma criança que vive num ambiente estimulador.

Outro fator que pode causar o atraso é no processo motor com confusão de letras maiúsculas e minúsculas, de diferentes tipos de escrita, adições ou omissões de letras, desenhos de letras inadequadas, grafemas grandes ou muito pequenos, desproporção entre as letras, linhas inclinadas, espaços excessivos, amontoamento de letras e palavras e não respeito às margens. Neste caso o atraso se dá especificamente na grafia e organização espacial da escrita.

Para detectar as dificuldades na escrita faz-se necessário o diagnóstico específico, interessando a quantidade e o tipo de erros encontrados na produção do aluno. A dificuldade pode estar na estrutura do texto, na escrita e na compreensão da palavra e, também, no aspecto motor.

A intervenção varia conforme a necessidade de cada um, tendo em vista que “o objetivo do ensino deve ser a conquista de todas as habilidades – à diferença dos casos de dificuldades de aprendizagem da escrita, em que apenas nos centramos nos módulos deficitários” (GARCÍA, 1998, p.207).

As ferramentas a serem usadas para auxiliar as crianças com dificuldades podem ser bem variadas, dentre elas, destacamos o jogo. O jogo é um instrumento que oferece à criança um ambiente agradável e motivador, estimulando na mesma, a curiosidade e a aprendizagem através da experiência. Também permite a autoexpressão e a socialização, exigindo o cumprimento de regras previamente estabelecidas.

Furtado (2012, p.58) escreve afirmando “... que os jogos trazem benefícios, (...) desenvolvem a memória, atenção, observação, raciocínio, criatividade e contribuem favorecendo a desinibição.” Atualmente, o jogo é um importante acessório usado pelo professor visando a aquisição de habilidades específicas.

Além de jogos variados, a intervenção psicopedagógica pode dar ênfase ao grafismo preocupando-se desde a formação da letra e seu traçado correto, na sua visualização e sonorização, no estudo da palavra, no uso da pontuação, aplicabilidade da letra maiúscula e minúscula, na construção de frases e textos que apresentem na organização da escrita e na apresentação das ideias. O uso das tecnologias também incentiva e favorece o aluno na aprendizagem da escrita de uma forma atraente e variada, com muitas opções de atividades. O aluno com dificuldade na escrita precisa encontrar a funcionalidade da mesma na sua vida como estudante e como profissional, no futuro. Saber que a comunicação escrita pode trazer-lhe benefícios agregando mais interesse na aprendizagem.

Assim sendo, o psicopedagogo tem importante papel no processo educativo, principalmente, nos alunos que apresentam singularidades na aprendizagem e necessitam de um olhar diferenciado para que se sinta integrado no espaço escolar e social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: método fônico para tratamento. 3ª edição. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. D.O. 05.10.1988

FURTADO, Valéria Queiroz: **Uma intervenção psicopedagógica via jogos de regras.** 3ª edição. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2012.

GARCÍA SÁNCHEZ, Jesús-Nicasio. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica;** tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GARCÍA, Jesús-Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem:** linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GÜTSCHOW, Cláudia Regina Danelon: **A Aquisição da Leitura e da Escrita.** Texto trabalhado durante a Especialização na disciplina de Linguística aplicada à aquisição da leitura e da escrita, com o Professor Almir Piovesan.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Tradução Ana Maria Netto Machado, Porto Alegre: Artmed, 1985.